

# A maldição da figueira: uma questão sobre a finalidade dos milagres de Jesus

The Curse of the Fig Tree: An Inquiry into the Purpose of Jesus' Miracles

*Sérgio Fernando Sabalo<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo apresentar a instrução como causa final dos milagres de Jesus através do milagre da maldição da figueira. Sobre tal milagre, em especial, é possível compreender a afinidade entre a palavra e o feito. Como dito por Jesus, jamais nasceria fruto da figueira e da árvore seca. Há nesse incidente uma expectativa deprimente da parte dos presentes, uma vez que o enunciado destaca a esterilidade da figueira e não a sua morte. Trata-se de uma indução predominantemente bibliográfica, assente na Sagrada Escritura e manuais afins à Teologia, Filosofia, Didática e outros. O leitor poderá inferir a importância desse contributo sempre que estiver na questão da razão dos milagres de Jesus para o cristão primitivo, assim como para o homem contemporâneo e o de amanhã; sempre que estiver na questão da perenidade do valor dos milagres de Jesus.

**Palavras-Chave:** Maldição da Figueira, Milagre, Causa Final, Instrução.

**Abstract:** This study aims to present instruction as the final cause of Jesus' miracles through the miracle of the fig tree curse. About such a miracle, in particular, it is possible to understand the affinity between the word and the deed. As Jesus said, the fruit of the fig tree would never be born and the tree withered. There is in this incident a depressing expectation on the part of those present, since the statement emphasizes the sterility of the fig tree and not its death. It is a predominantly bibliographic induction, based on Sacred Scripture and manuals related to Theology, Philosophy, Didactics and others. The reader will be able to infer

---

<sup>1</sup>Recebido em: 10 de set. de 2022

Aceito em: 18 de out. de 2023

Mestre em Direito (American World University - AWU), Especializado em Estudos de Língua Portuguesa – Investigação e Ensino (Universidade Aberta de Portugal – UAB.PT), Licenciado em Teologia (Universidade Católica de Angola - UCAN), Graduado em Teologia e em Filosofia (Seminário Maior do Sagrado Coração de Jesus de Luanda). Professor de Língua Portuguesa (Liceu n° 9006, Talatona, Luanda). ID: <https://orcid.org/0000-0001-6183-7320>

the importance of this contribution whenever he is in the question of the reason of the miracles of Jesus for the primitive christian, as well as for the contemporary man and the man of tomorrow; whenever it is on the question of the perpetuity of the value of Jesus' miracles.

**Keywords:** Curse of the Fig Tree, Miracle, Final Cause, Instruction.

## Introdução

No mesmo dia da maldição da figueira, Jesus purifica o templo expulsando seus ocupantes que o transformaram em local de comércio. Os dois atos deste dia não representam importância alguma até que a figueira não morra.

Nos comentários de Fillion, a figueira e a oliveira nascem em toda a parte na Palestina. Trata-se de árvores frutíferas frequentes nesta região. A maldição lançada contra um ser sem entendimento teria uma explicação difícil se não trouxesse em si uma simbologia notável. A figueira representa a nação judaica que, apesar de desfrutar os favores divinos há muitos séculos mais que qualquer outro povo, por sua própria culpa está desprovida de frutos, de méritos e oculta debaixo de uma aparência formosa a superficialidade e até mesmo a maldade de suas obras. O divino agricultor anuncia então que usará o machado para cortá-la.<sup>2</sup>

Quando Jesus faz um milagre, procura despertar os presentes a par da escatologia, especialmente daquela manifesta pelas profecias da Sagrada Escritura como tranquiliza o apóstolo Paulo: “É a Escritura que o diz: Todo o que nele acreditar não ficará frustrado”.<sup>3</sup> Põe seus discípulos na dimensão daquelas profecias e em quanto são efetivas no passado, presente e de forma perene.<sup>4</sup>

Se os discípulos não entendem o que foi dito através dos profetas, é mais difícil entenderem o que é dito por Jesus. Ele purifica o templo expulsando seus ocupantes habituais, amaldiçoa a figueira por não ter figos quando também aconteceria por estar fora da época produtiva. É necessário que os discípulos entendam todos esses gestos. A figueira é amaldiçoada a não produzir mais nunca frutos e, para o efeito, seca subitamente.

---

<sup>2</sup> FILLION, Louis-Claude. *Enciclopédia da Vida de Jesus*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2008, p. 20, 861-862.

<sup>3</sup> Rm 10, 11.

<sup>4</sup> Mt 5, 17-18.

Com a visão de certos autores, não há nenhum simbolismo nessa história. Jesus dá simplesmente uma demonstração arbitrária da sua fé.<sup>5</sup> A maioria dos clássicos de exegese bíblica converge, ao tratar do assunto, na ideia de que a figueira representa a nação judaica que, apesar de desfrutar os favores divinos, está desprovida de frutos por própria culpa, como ficou referido acima com Fillion.<sup>6</sup> Esta linha de pensamento não é descuidada neste estudo, cuja solução pretendida acomoda todos os milagres dos Evangelhos ao âmbito da sua finalidade, perpassando singularmente o milagre da maldição da figueira.

O recurso à teoria metafísica aristotélica das quatro causas viabiliza a análise neste estudo. Após a sinopse respectiva baseada na Sagrada Escritura, o episódio da maldição da figueira é posto em comparação com os demais milagres de Jesus, para sua demarcação, focalizando a causa final dos milagres de Jesus.

## 1. Definição de termos

Em sentido lato, milagre compreende todo evento extraordinário, assim como sua sequência, que não se pode explicar de outra forma. No campo da Teologia, milagre é um “fato ou acontecimento fora do comum, que Deus realiza para confirmar o seu poder, o seu amor e a sua mensagem”.<sup>7</sup> Os milagres de Jesus, a princípio, são prodígios realizados por Jesus e catalogados pelos Evangelhos em prova da sua origem divina e da sua divindade.<sup>8</sup>

A maldição da figueira (igualmente designada nos bastidores pelas expressões figueira amaldiçoada, figueira estéril, figueira seca, morte da figueira) corresponde à morte inesperada de uma figueira nas proximidades da cidade de Betânia atribuída à Jesus e descrita como um milagre pelos Evangelhos.<sup>9</sup>

<sup>5</sup> POHL, Adolf. *Evangelho de Marcos: Comentário Esperança*. Curitiba: Evangélica Esperança, 1998, p. 228.

<sup>6</sup> FILLION, 2008, p. 20, 861-862.

<sup>7</sup> Maravilha; Milagre: In: KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. *Dicionário da Bíblia de Almeida*. 2ª ed. Brasil: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005, p. 208.

<sup>8</sup>SABALO, Sérgio Fernando. A negação de Pedro: uma abordagem teológica no fundo da Sagrada Escritura. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 06, Ed. 02, Vol. 07, pp. 6.25-29. Fevereiro de 2021. Disponível em <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/teologia/negacao-de-pedro>. Acesso em 19/02/2021.

<sup>9</sup> Mt 21, 18-22; Mc 11, 12-14, 20-24.

No atalho do filósofo Aristóteles, a causa final é o fim para qual a coisa é feita ou tende a ser; é a finalidade da coisa em si, o objetivo da sua criação.<sup>10</sup> Segundo Libâneo, a instrução refere-se ao processo e ao resultado da assimilação sólida de conhecimentos sistematizados e ao desenvolvimento de capacidades cognitivas. O ensino consiste no planejamento, na organização, direção e avaliação da atividade didática, concretizando as tarefas da instrução.<sup>11</sup>

As expressões instrução e ensino, assim como finalidade e causa final, devem ser consideradas equivalentes, nos termos da sinonímia absoluta e ao âmbito da pretendida reflexão teológica e não outra.

## 2. Sinopse

O relato do milagre da maldição da figueira é uma providência exclusiva do Evangelho de Mateus (21,18-22) e de Marcos (11,12-14.20-24) e pode ser dividido em três seções: a maldição da figueira propriamente dita (Mt 21,18-19; Mc 11,12-14), a atitude dos discípulos (Mt 21,20; Mc 11,20-21) e a lição de Jesus (Mt 21,21-22; Mc 11,22-26). O trio do relato é interpolado pela seção da purificação do templo, especialmente ao considerar o relato de Marcos.<sup>12</sup>

Mateus apresenta-o como uma só unidade textual. Depois de ter expulsado os vendedores do templo em Jerusalém (Mt 21,21-22), Jesus decide passar a noite em Betânia. Nesta cidade ou nos seus arredores Jesus tem fome e... “Vendo uma figueira à beira do caminho, aproximou-se dela, mas não encontrou senão folhas. Disse então: ‘Nunca mais nascerá fruto de ti!’ E, naquele mesmo instante, a figueira secou”.<sup>13</sup>

Depois do relato da maldição da figueira, Mateus prossegue imediatamente apontando um acontecimento extraordinário ao comentar a atitude dos discípulos: “Vendo isto, os discípulos disseram admirados: ‘Como é que a figueira secou subitamente?’”.<sup>14</sup>

---

<sup>10</sup> Cfr. REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2007, Vol. 1, p. 196; MORA, Jose Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1964, Tomo I, p. 271.

<sup>11</sup> LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez Editora, 2010, p. 54.

<sup>12</sup> Mc 11, 15-17.

<sup>13</sup> Mt 21, 18-19.

<sup>14</sup> Mt 21, 20.

Mateus prossegue apresentando a lição respectiva: “Jesus respondeu: ‘Em verdade vos digo: Se tiverdes fé e não duvidardes, não só fareis o que Eu fiz a esta figueira, mas, se disserdes a este monte: ‘Tira-te daí e lança-te ao mar’, assim acontecerá. Tudo quanto pedirdes com fé, na oração, haveis de recebê-lo”<sup>15</sup>

O trio do relato da maldição da figueira é dividido em duas unidades, em Marcos. Jesus visitou o templo de Jerusalém, porém “como a hora já ia adiantada, saiu para Betânia com os Doze”.<sup>16</sup> Os figos serviriam ao pequeno-almoço, pois, como observa o texto...

Na manhã seguinte, ao deixarem Betânia, Jesus sentiu fome. Vendo ao longe uma figueira com folhas, foi ver se nela encontraria alguma coisa; mas, ao chegar junto dela, não encontrou senão folhas, pois não era tempo de figos. Disse então: “Nunca mais ninguém coma fruto de ti.” E os discípulos ouviram isto.<sup>17</sup>

Jesus e sua comitiva estavam de regresso a Jerusalém. Desta cidade, depois da purificação do templo, regressam à Betânia na tarde do dia da maldição da figueira. Dessa forma, Marcos mostra ser inevitável interpolar as secções da maldição com a da purificação do templo.

O autor retoma o relato da maldição da figueira reunindo as duas secções finais:

Ao passarem na manhã seguinte, viram a figueira seca até às raízes. Pedro, recordando-se, disse a Jesus: “Olha Mestre, a figueira que amaldiçoaste secou!” Jesus disse-lhes: “Tende fé em Deus. Em verdade vos digo, se alguém disser a este monte: ‘Tira-te daí e lança-te ao mar’, e não vacilar em seu coração, mas acreditar que o que diz se vai realizar, assim acontecerá. Por isso vos digo: Tudo quanto pedirdes na oração crede que já o recebestes e haveis de obtê-lo”.<sup>18</sup>

Conforme Fillion citado, Marcos prefere a perspectiva histórica por isso distingue claramente dois actos nesse breve drama: a

---

<sup>15</sup> Mt 21, 21-22.

<sup>16</sup> Mc 11, 11.

<sup>17</sup> Mc 11, 12-14.

<sup>18</sup> Mc 11, 20-24.

figueira foi amaldiçoada na segunda-feira pela manhã, mas somente ao alvorecer da terça-feira os discípulos percebem que a sentença pronunciada pelo Mestre foi cumprida. Mateus prefere seguir a ordem lógica dos factos e conta o episódio como se tivesse ocorrido de uma só vez, ainda que haja duas fases distintas.<sup>19</sup>

### **3. “Quem me tocou?”: a questão sobre a causa final dos milagres de Jesus**

A instrução predomina a actuação de Jesus e representa a sua última acção depois de ressuscitar, como lembra Lucas.<sup>20</sup> Entre os temas fundamentais dos ensinamentos de Jesus, destacam-se, de forma perene e efectiva, o poder e o amor de Deus, a eficácia das suas palavras e das profecias escritas nas Sagradas Escrituras. Conforme Piper, Jesus estima e confia no Antigo Testamento de forma integral. Para Jesus, o Antigo Testamento é um livro que deve ser cumprido na totalidade de seu escopo e as minúcias de seus detalhes não devem ser violadas.<sup>21</sup>

Tal como Moisés no Egipto e diante de Faraó, a situação de Jesus é também difícil em relação ao cumprimento da sua missão e aos seus contemporâneos: um desastre para sua família (Mc 3,21), logro para as autoridades religiosas (Jo 8,57-59) e desânimo para seus discípulos.<sup>22</sup> Comentado por autores, João Baptista também não está seguro. Sabe o que acontece quando homens comuns se deixam cativar por líderes espirituais carismáticos. Eles ficam eufóricos e irracionais.<sup>23</sup> Tem dúvida e requer prova cabal, como vem narrado.<sup>24</sup>

Uma avaliação superficial dos milagres dos Evangelhos faz crer que sua realização visa mitigar as dificuldades sociais daquela época histórica. Contudo, alguns desses feitos vêm perfeitamente ao contrário. No caso devidamente descoberto por León, a mulher sofre

---

<sup>19</sup> FILLION, 2008, p. 861.

<sup>20</sup> Act 1, 1-2.

<sup>21</sup> PIPER, John. *A Peculiar Glory: how the Christian Scriptures reveal their complete truthfulness*. Illinois: Crossway, 2016, pp. 101-102.

<sup>22</sup> Jo 6, 66.

<sup>23</sup> O'REILLY, Bill; DUGARD, Martin. *Os últimos passos de Jesus: um fascinante relato histórico da vida e dos tempos de Jesus*. Rio de Janeiro: Sextante, 2015, p. 90.

<sup>24</sup> Mt 11, 2-6; Lc 7, 18-23.

de hemorragia crônica. Jesus está no meio de pessoas e apertado entre elas. A mulher doente infiltra-se na multidão, toca discretamente as roupas de Jesus, por trás, e consegue a cura. Contudo, por que Jesus a denuncia? Sem escrúpulo, os discípulos tentam a sua resposta: ‘Vês que a multidão te comprime de todos os lados, e ainda perguntas: ‘Quem me tocou?’”<sup>25</sup> <sup>26</sup>

Na pretensão de induzir a causa final dos milagres de Jesus através da maldição da figueira, vai fazer-se o paralelo entre este milagre e os demais milagres de Jesus. Para o efeito, foram seleccionados alguns milagres considerados relevantes para o êxito deste estudo, os seguintes entre outros: a segunda multiplicação dos pães, a ressurreição do filho da viúva de Naim, a primeira multiplicação dos pães, a ressurreição de Lázaro e a cura da filha da mulher cananeia.

### **3.1 Segunda multiplicação dos pães**

Na apresentação de Mateus (15, 21-31), muito antes de multiplicar os pães pela segunda vez, Jesus cura a filha da mulher cananeia, como será apresentado ainda nesta secção do estudo. Retira-se para um monte, um lugar, de certo modo, com maior recolhimento. A multidão agora faminta foi seguindo Jesus por livre iniciativa: “Vieram ter com Ele numerosas multidões, que transportavam coxos, cegos, aleijados, mudos e muitos outros, e lançavam-nos aos seus pés. Ele curou-os...”.<sup>27</sup> Nesta ocasião, nenhum dos espectadores duvida do poder de Jesus em realizar sinais maravilhosos.

A segunda multiplicação dos pães é realizada num contexto abundante em milagres. No cerne de vários milagres já realizados, Ele mesmo decide revelar mais um: “Jesus, chamando os discípulos, disse-lhes: “Tenho compaixão desta gente, porque há já três dias que está comigo e não tem que comer””.<sup>28</sup> Conforme Tasker, “nesta ocasião Jesus mesmo expressa a sua compassiva preocupação com o povo”.<sup>29</sup>

---

<sup>25</sup> Mc 5, 24-34.

<sup>26</sup> LEÓN, Jorge Adalberto. *Hacia una evangelización restauradora*. Buenos Aires: Sagepe, 2008, p. 2.

<sup>27</sup> Mt 15, 30-31.

<sup>28</sup> Mt 15, 32; Mc 8, 2-3

Aparentemente, a segunda multiplicação dos pães é realizada por provisão alimentar indispensável na ocasião para evitar a iminente fraqueza física dos presentes. Jesus confessa seu sentimento para com a multidão e sua intenção aos discípulos momentos antes de multiplicar os pães preparando, desta forma, o observador para o milagre. Aqui, na multiplicação dos pães, importa que Jesus saiba que, despedindo a multidão em jejum, muitos podem desfalecer durante a caminhada. Por isso, provavelmente, Jesus chama os discípulos para os esclarecer que tem a ciência da situação, há quem possa desfalecer durante a viagem. Mas a multiplicação dos pães não é a alternativa mais sábia para Jesus garantir viagem segura à multidão.

Ainda que os pães não fossem multiplicados, a multidão teria viagem segura em nome de Jesus. Aliás, esse aglomerado humano anda há três dias ao pé de Jesus sem queixas de fome e, mesmo agora que se prepara para partir de regresso à casa para uma viagem mais ou menos longa, não apresenta preocupações sobre provimentos alimentares.

Os discípulos precipitam a segunda multiplicação dos pães. Vêm a solução do problema revelado por Jesus nos pães.<sup>30</sup> Jesus multiplica os pães apresentados pelos discípulos. Não é só escolha sua multiplicar os pães.

Multiplicando os pães, Jesus garante, de uma forma ou de outra, uma viagem segura a todos os que estiveram com ele em segurança durante três dias. Sobre os pães multiplicados, Jesus tenta pôr claro que a viagem de regresso à casa vai ser tão segura para todos por Ele quanto foi seguro por Ele estando com Ele durante três dias, mesmo antes da multiplicação dos pães.

### **3.2 Ressurreição do filho da viúva de Naim**

Jesus depara-se com uma multidão em cortejo fúnebre, à entrada da cidade de Naim, e sente-se obrigado a fazer parte. A par de Fillion, vai sepultar um jovem morto na flor da idade, filho único que deixa sua mãe, uma pobre viúva, daqui por diante sem apoio, sem o conforto humano. Por compaixão à sua dor tão profunda,

---

<sup>29</sup> TASKER, R. V. G. *O Evangelho Segundo Mateus: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 122.

<sup>30</sup> Mt 15, 33-34.

grande parte dos habitantes dessa pequena cidade resolve participar do funeral.<sup>31</sup>

A princípio, Jesus ressuscita o filho unigênito da viúva de Naim por dó. Essa senhora está inconsolável pela perda do filho: “Vendo-a, o Senhor compadeceu-se dela e disse-lhe: ‘Não chores’. Aproximando-se, tocou no caixão, e os que o transportavam pararam. Disse então: ‘Jovem, Eu te ordeno: Levanta-te!’ O morto sentou-se e começou a falar”.<sup>32</sup>

Aqui se percebe de antemão que Jesus pretende aliviar a dor dessa mulher pela perda de seu único filho. Todavia, é importante considerar a dimensão da multidão aí concentrada. Jesus vem com os discípulos e com uma grande multidão (Lc 7, 11), sendo que dois conglomerados humanos cruzam nesse momento, a contar com a multidão do velório.

Compadecido, sim, Jesus faz um grande pedido à mulher: “Não chores”. É difícil cogitar que a senhora tenha obedecido à ordem interrompendo o choro. E porque essa mulher não para de chorar, porque nem percebe a dimensão do pedido feito, Jesus toca no caixão. Somente assim consegue suspender a procissão necrólatra, tocando no caixão com o morto. Dessa forma, a mulher já não continuaria a chorar: “O temor apoderou-se de todos, e davam glória a Deus...”.<sup>33</sup>

Não há, aqui, a intenção declarada de salvar o jovem da morte senão de consolar a mulher viúva. É bom que o jovem tenha sentado e comece a falar para o alívio de muitos, então arrasados com o óbito.

### **3.3 Primeira multiplicação dos pães**

A primeira multiplicação dos pães é realizada por provisão alimentar e, implicitamente, para manifestação da glória do Reino de Deus de que Jesus é Messias.

O contexto não é de fome generalizada, como parece vir configurado na segunda multiplicação de pães. A noite que se aproxima preocupa os discípulos que se vêem diante de um aglomerado populacional e decidem apresentar a sua sugestão ao Mestre: “Este sítio é deserto e a hora já vai avançada. Manda

---

<sup>31</sup> FILLION, 2008, p. 560.

<sup>32</sup> Lc 7, 13-15.

<sup>33</sup> Lc 7, 16-17.

embora a multidão, para que possa ir às aldeias comprar alimento. ' Mas Jesus disse-lhes: 'Não é preciso que eles vão; dai-lhes vós mesmos de comer'".<sup>34</sup>

Nessa ocasião, cabe aos discípulos a fatia da responsabilidade, observando quanto estão preocupados. A solução que propõem é, de facto, clássica. Jesus, que corresponde no mesmo nível, não vê necessidade em despedir a multidão para a prevenção da fome. Os discípulos já deveriam estar à altura de agir como seu Mestre. Jesus acaba de curar vários enfermos trazidos por essa multidão que poderia, em breve, estar faminta à noite e em local ermo. Num momento em que até doenças crônicas são curadas, os discípulos sugerem despedir a multidão em razão da fome possível que se pode sanar e que se tem sanado ordinariamente através de pães. Não é preciso.

Não seria por gozo que Jesus diz aos discípulos "dai-lhes vós mesmos de comer". Ele sabe que os discípulos já são capazes de livrar a multidão presente da fome do momento, mas é preciso a mesma consciência do lado deles e é esta a lição da maldição da figueira, como será revisto, a finalidade dos milagres de Jesus.

Na presença de Jesus, nenhum sítio é deserto como os discípulos pretendem sugerir. A hora não vai avançada nem é preciso procurar comida nas aldeias para matar a fome. Por Ele e com Ele, cinco pães e dois peixes são suficientes para alimentar milhares.

### **3.4 Ressurreição de Lázaro**

A morte de Lázaro não é motivo para a sua ressurreição por Jesus neste episódio (Jo 11, 1-44), assim como a morte do primogénito da viúva de Naim não fundamenta, *a priori*, a ressurreição do mesmo, como ficou conferido.

Jesus é amigo de Lázaro e de sua família e é informado atempadamente sobre a situação de doença de Lázaro. Todavia, "ouvindo isto, Jesus disse: 'Esta doença não é de morte, mas sim para a glória de Deus, manifestando-se por ela a glória do Filho de Deus'".<sup>35</sup>

Jesus faz demora do local onde recebe a notícia da doença do amigo. Passa pouco tempo desde que esteve na Judéia, terra de

---

<sup>34</sup> Mt 14, 15-16. Cf. Mc 6, 35-37; Lc 9, 12-13; o 6, 5-6.

<sup>35</sup> Jo 11, 4.

Lázaro, para regressar imediatamente e em um ambiente hostil. Os judeus dessa região tentaram apedrejá-Lo.

Jesus vai à Judeia porque quer ir lá e não porque tem que ressuscitar Lázaro indo à Judeia. Importa lembrar que quando Jesus cura o filho do funcionário real na Galiléia, não precisa se deslocar até o leito onde jaz o enfermo, apesar do pedido do funcionário.<sup>36</sup>

Jesus recebe a informação de que seu amigo Lázaro está na agonia da morte e, em vez de uma solução imediata de que também pode, opta por viajar até a Judéia, apesar dos riscos eminentes de sofrer atentados contra a sua integridade física. Lázaro já está morto e completa quatro dias em sepulcro desde seu enterro, assim que Jesus chega à Judeia. Jesus comove-se e chora diante dos brados de parentes e vizinhos de Lázaro. É censurado pelas irmãs de Lázaro e injuriado pelos judeus que tomam parte das cerimônias fúnebres e, na conjuntura, vai até onde Lázaro jaz morto. Tal como na ressurreição do filho da viúva referida, Jesus fala em viva voz para o cadáver: “[...]bradou com voz forte: ‘Lázaro, vem cá para fora!’ O que estava morto saiu de mãos e pés atados com ligaduras e o rosto envolvido num sudário”.<sup>37</sup>

Jesus não dá voltas e esclarece seu objectivo com o milagre da ressurreição de Lázaro, a manifestação da Glória de Deus. Conforme Bruce, “este é o último sinal antes da paixão de Jesus em que a glória divina foi manifesta através dele, e é este aspecto do incidente que recebe destaque em todo o relato do evangelista”.<sup>38</sup>

A par da maldição da figueira e da lição respectiva, os factores que concorrem em relação à complexidade do episódio ora apresentado são vários. Ao ressuscitar o próprio amigo nestas condições e em estado adiantado de putrefacção cadavérica, o elemento comum relativo à finalidade dos milagres de Jesus fica explícito. Jesus resume sua pretensão ao responder Marta com a pergunta seguinte: “Eu não te disse que, se creres, verás a glória de Deus?”.<sup>39</sup> É necessário que Marta, os discípulos que o seguem por decisão própria e inadvertida de morrer com Ele (Jo 11, 16), e todos os espectadores aprendam a crer, a ter fé em Deus.

---

<sup>36</sup> Jo 4, 47-50.

<sup>37</sup> Jo 11, 43-44.

<sup>38</sup> BRUCE, Frederick Fyvie. *João: Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova & Mundo Cristão, 1987, p. 207.

<sup>39</sup> Jo 11, 40.

### **3.5 Cura da filha da mulher cananeia**

A atitude de Jesus é integralmente instrutiva no milagre da cura da filha da mulher cananéia.<sup>40</sup> Afinal, os milagres que Jesus realiza têm um alvo predefinido, a comunidade da casa de Israel, uma comunidade profeticamente preparada para receber a boa nova e condenada a acreditar e a ter fé em Deus, que desfruta de forma especial de favores divinos até como tradição remota.

Mais uma vez, Jesus não realiza milagres porque falta quase tudo na comunidade. Realiza-os porque não falta mais nada com a sua presença, com a presença do Reino. Realiza-os para assinalar a presença do Reino de Deus no seio da sua comunidade, no seio do Povo Santo, de que só basta acreditar e confiar de forma integral.

Os discípulos ainda continuam circunscritos nos resultados imediatos dos milagres de Jesus, naquele conceito que a multidão tem formado sobre os milagres de Jesus. A pouco, Jesus perguntou a Pedro: “Também vós não sois ainda capazes de compreender?”.<sup>41</sup> Agora que uma mulher cananéia implora a cura da filha: «Os discípulos aproximaram-se e pediram-lhe com insistência: ‘Despacha-a, porque ela persegue-nos com os seus gritos’».<sup>42</sup>

Jesus parece não ter interesse nenhum em realizar milagre neste dia e contexto em que a filha da mulher cananéia fica curada. Está desprovido de dó e de qualquer outra comoção meramente humana, se é que alguma vez esteve mesmo dominado por esses sentimentos. O milagre só acontece porque a mulher, na aflição, é audaz no procedimento. Jesus toma carácter e, contrariamente do que tem sido, ataca mordazmente a sua paciente discriminando-a. A mulher insiste e sua filha fica livre do demônio que a atormenta cruelmente e é curada. Mais uma vez, Jesus insiste no ponto da fé em Deus e até parece que esta cura é agora realizada pela própria mulher cananéia, cuja fé é bastante, sendo que Jesus apenas comparticipa com a aprovação respectiva.<sup>43</sup>

Jesus manifesta com certa clareza o objectivo dos seus feitos miraculosos nesse acontecimento da cura da filha da mulher cananeia. Tem seus destinatários de prelecção predefinidos: o povo

---

<sup>40</sup> Mt 15, 21-28; Mc 7, 24-30.

<sup>41</sup> Mt 15, 16.

<sup>42</sup> Mt 15, 23.

<sup>43</sup> Mt 15, 26-28.

de Israel em geral e os seus discípulos em particular. Com estes e por eles a sua missão alcançará os quatro cantos do mundo e as gerações subsequentes.

#### 4. A maldição da figueira

A maldição da figueira pretende-se como último milagre de Jesus nos Evangelhos que o relatam, em Mateus e em Marcos. Com ela, pode compreender-se melhor que Jesus não realiza milagres por engodo com actos extraordinários, senão com um propósito específico, a marcação da presença do Reino de Deus. O teor teológico é enorme no milagre da maldição da figueira se comparado com os demais milagres de Jesus, como acenado acima.

Se se considerar a apresentação de Marcos em exclusiva, no dia do feito em questão, de certo modo, só Jesus sabe que a figueira está perfeitamente amaldiçoada, nunca mais ninguém comeria fruto dela. Os discípulos passam ao pé da árvore infrutífera agora já amaldiçoada pelo seu Mestre e preferem manter-se quietos como se tivessem também a ciência do que tinha acontecido com a figueira na manhã do mesmo dia e do que tinha acontecido no templo. O cepticismo do grupo é recorrente nos Evangelhos mesmo em pleno convívio com o seu Mestre.<sup>44</sup>

Marcos ressalta que os discípulos ouvem tudo quando Jesus amaldiçoa a figueira. Na maior certeza Jesus foi tomado por homem ordinário e *furiosus* pelos presentes, neste dia da purificação do templo e da maldição da figueira, exceptuando os cegos, coxos e as crianças.<sup>45</sup>

Prosseguindo com Mateus, através do qual se pode confirmar a seca súbita da figueira no mesmo instante da maldição proferida por Jesus e não no dia seguinte como em Marcos, Jesus diz à figueira: “Nunca mais nascerá fruto de ti!” (Mt 21, 19) e a figueira seca imediatamente. É uma maldição a seca súbita de uma figueira vicejante, todavia não é aquela maldição declarada por Jesus que consiste na sua esterilização definitiva.

Jesus parece irritar-se com a árvore na maldição da figueira, como interpretam O’Reilly e Dugard.<sup>46</sup> De facto essa é uma das soluções a dar na profundidade desse milagre. Marcos, como

---

<sup>44</sup> Mt 16, 21-23.

<sup>45</sup> Mt 21, 14-15.

<sup>46</sup> O’REILLY; DUGARD, 2015, p. 114.

referido, acrescenta que o tempo não é de figos. Jesus conhece bem o comportamento das figueiras locais, pois é pessoa adulta e domina o território desde sua tenra infância. Neste momento quem tem fome inquieta que vá procurar propositadamente figos em árvore fora de época produtiva e se irrite por não conseguir encontrar nenhum. Vem ao reverso que Jesus realize um milagre somente para satisfazer a sua ira. Para recordar, Jesus repreende veementemente Tiago e João quando estes, rejeitados de uma povoação samaritana, lhe pedem autorização para mandar descer fogo do céu e destruir o povoado malvado.<sup>47</sup>

#### **4.1 A lição de Jesus**

A última parte do relato da maldição da figueira é preenchida pela lição que Jesus dá aos discípulos. Jesus faz apelo à fé ante a admiração dos discípulos ao verem a figueira secar subitamente, após a pronúncia da maldição.

Está tudo providenciado para os discípulos terem fé e fé forte. Para lembrar e como referido, na primeira multiplicação dos pães, no deserto, Jesus pede aos discípulos que alimentem a multidão. Estes não são capazes de o fazer, por falta de fé ou de sua consciência. Ninguém tem a dimensão da experiência que vive, mesmo caminhando ao pé do próprio Salvador.

Em Mateus, como referido, o acto de fala realizado por Jesus é indirecto para administrar a lição da maldição: “Se tiverdes fé e não duvidardes, não só fareis o que Eu fiz a esta figueira... Tudo quanto pedirdes com fé, na oração, haveis de recebê-lo”.<sup>48</sup> Em Marcos o acto de fala de Jesus é um apelo directo: “Tende fé em Deus. Em verdade vos digo, se alguém disser a este monte: ‘Tira-te daí e lança-te ao mar’, e não vacilar em seu coração, mas acreditar que o que diz se vai realizar, assim acontecerá [...]”.<sup>49</sup>

Jesus procura aclarar a sua instrução com a maldição da figueira. Pretende dar o conselho, à seguinte fórmula de Lucado: “Deus o ama como você é, mas se recusa a deixá-lo desse jeito. Ele quer que você seja simplesmente como Jesus”.<sup>50</sup> Foi o que os discípulos se tornaram posteriormente, ainda que depois da morte e

---

<sup>47</sup> Lc 9, 54-55.

<sup>48</sup> Mt 21, 21-22.

<sup>49</sup> Mc 11, 20-24.

<sup>50</sup> LUCADO, Max. *Simplesmente como Jesus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 11.

ressurreição de Jesus. Pedro e João curam um homem coxo de nascença.<sup>51</sup> Pedro individualmente cura vários doentes cobrindo-os com a sua sombra, à sua passagem (Act 5, 14-16), cura o paralítico Enéias em Lida (Act 9,32-35) e ressuscita Tabita em Jope orando de joelhos.<sup>52</sup> Paulo ressuscita o jovem Êutico em Trôade apertando-o nos braços e pedindo silêncio aos presentes.<sup>53</sup>

Kaschel e Zimmer argumentam que, para ser atendida, a oração requer purificação (Sl 66, 18), fé (Hb 11, 6; Mt 21, 22), vida em união com Cristo (Jo 15, 7), submissão à vontade de Deus (1Jo 5, 14-15; Mc 14, 32-36), direcção do Espírito Santo (Jd 20), espírito de perdão (Mt 6, 12; Mc 11, 24-26) e relacionamento correcto com as pessoas.<sup>54 55</sup>

Entre os descendentes de Judá, Jabés é mais ilustre que seus irmãos porque ora. Porque o faz, Deus concede-lhe o que pede.<sup>56</sup> Wilkinson olha para Jabés com maior atenção e verifica que este não tem tanta notabilidade no Antigo Testamento como Moisés ou Davi ou outros protagonistas do Novo Testamento. Mas uma coisa é certa: a pequena diferença em Jabés faz toda a diferença.<sup>57</sup>

Diante do Reino de Deus, a fé é factor fundamental de eficácia da oração e matéria principal da instrução que Jesus procura dar aos discípulos por todos os meios possíveis, que se resume no seguinte: “Pedi, e ser-vos-á dado”.<sup>58</sup>

### **Considerações finais**

A figueira seca, morre, deixa de existir para que nunca mais dê fruto conforme as palavras de Jesus. Todavia, ainda que a figueira não seque, ela continua vicejante sem dar fruto conforme as palavras de Jesus. Assim como secou subitamente aos olhos dos discípulos, a figueira também desapareceria ou se transformaria em outro ente estranho de si mesmo no mesmo instante e nunca mais alguém

---

<sup>51</sup> Act 3, 1-10.

<sup>52</sup> Act 9, 36-43.

<sup>53</sup> Act 20, 9-12.

<sup>54</sup> 1Pe 3, 7.

<sup>55</sup> Oração: In: KASCHEL; ZIMMER, 2005.

<sup>56</sup> 1Cr 4, 10.

<sup>57</sup> WILKINSON, Bruce H. *The Prayer of Jabez: breaking through to the blessed life*. Oregon: Multnomah Publishers, 2000, p. 12-15.

<sup>58</sup> Mt 7, 7; Lc 11, 9.

comeria o fruto dela conforme as palavras de Jesus e a instrução final decorrente, que consiste na fé e na oração.

Os discípulos devem comprovar a efectividade das palavras de Jesus ao testemunharem os milagres de Jesus. A figueira está mesmo maldita, jamais dará fruto, secou definitivamente. Se a figueira desaparece ou se transforma em outro ente em vez de secar subitamente, mesmo assim o milagre é cumprido.

Jesus reduz a protuberância nos milagres que realiza, como refere Grasso, citado por Sabalo.<sup>59</sup> Certamente, foi bem desejado que a figueira deixasse apenas de dar frutos para o Messias, continuando a pintar de verde a paisagem da Terra Santa com a sua folhagem vicejante. No entanto, é necessário que a figueira seque e repentinamente para que o sinal tenha o alcance pretendido e a qualidade de milagre de Jesus em imediato. Porque a figueira seca de forma instantânea torna-se bastante para assinalar o maravilhoso da maldição proferida por Jesus, bastante para garantir que as palavras ditas com fé são actos perfeitos.

Jesus prepara os discípulos ao seu nível no que corresponde à continuidade da sua missão e não só. Os discípulos, com fé, podem alimentar cinco mil pessoas e muito mais com apenas cinco pães e dois peixes, podem curar enfermos, ressuscitar mortos, amaldiçoar figueiras, pedir a um monte que se lance ao mar. Nesse sentido, pode-se compreender a eficácia da última ordem de Jesus aos seus discípulos: “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeí que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos”.<sup>60</sup>

Os discípulos estão preparados, instruídos para instruir, e seu sucesso é incontestável na Sagrada Escritura e na história das comunidades cristãs dos primeiros séculos.

### Referências

BRUCE, Frederick Fyvie. João: Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova & Mundo Cristão, 1987.

FILLION, Louis-Claude. Enciclopédia da vida de Jesus. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2008.

<sup>59</sup> SABALO, 2021, p. 28.

<sup>60</sup> Mt 28, 19-20; Cf. Mc 16, 15-16; Lc 24, 47-49; Act 2, 38-39.

- KASCHEL, Werner / ZIMMER, Rudi. Dicionário da Bíblia de Almeida. Brasil: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.
- LEÓN, Jorge Adalberto. Hacia una evangelización restauradora. Buenos Aires: Sagepe, 2008.
- LIBÂNIO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez Editora, 2010.
- LUCADO, Max. Simplesmente como Jesus. Simplesmente como Jesus. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- MORA, José Ferrater. Dicionário de Filosofia (Tomo I). Buenos Aires: Sudamericana, 1964.
- O'REILLY, Bill; DUGARD, Martin. Os últimos passos de Jesus: um fascinante relato histórico da vida e dos tempos de Jesus. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.
- PIPER, John. A Peculiar Glory: how the Christian Scriptures reveal their complete truthfulness. Illinois: Crossway, 2016.
- POHL, Adolf. Evangelho de Marcos: comentário esperança. Curitiba: Evangélica Esperança, 1998.
- REALE, Giovanni / ANTISERI, Dario. História da Filosofia. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- SABALO, Sérgio Fernando. A negação de Pedro: uma abordagem teológica no fundo da Sagrada Escritura. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 06, Ed. 02, Vol. 07, pp. 53-85. Fevereiro de 2021. ISSN: 2448-0959. Disponível em <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/teologia/negacao-de-pedro>. Acesso em 19/02/2021.
- TASKER, R. V. G. O Evangelho Segundo Mateus: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1980. Reimp. 2006.
- WILKINSON, Bruce H. The prayer of Jabez: breaking through to the blessed life. Oregon: Multnomah Publishers, 2000.